

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA -LICENCIATURA - DIURNO

Camila Aparecida Michels

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS DO  
TRABALHO DOCENTE EM UMA ESCOLA DE SANTA MARIA RS**

Santa Maria, RS  
2017

**Camila Aparecida Michels**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS DO TRABALHO  
DOCENTE EM UMA ESCOLA DE SANTA MARIA RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Pedagoga**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me. Juliane Riboli Corrêa

Santa Maria, RS  
2017

**Camila Aparecida Michels**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS DO TRABALHO  
DOCENTE EM UMA ESCOLA DE SANTA MARIA RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Pedagoga**.

**Aprovado em 19 de Janeiro de 2017:**

---

**Juliane Riboli Corrêa, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Lúcia de Fátima Royes Nunes, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

Santa Maria, RS

2017  
**DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, pois ele acompanha-me sempre onde eu estiver transformando minhas lutas em vitória, que sempre me deu forças para seguir em frente, à minha família que sempre me apoiou e finalmente à professora Juliane Riboli Corrêa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por acompanhar meus passos, por não me deixar desistir nas horas mais difíceis e permitir que eu chegasse até aqui.

Agradeço também aos meus pais Jocenara e Cleber por estarem sempre ao meu lado me dando forças e apoio sempre que necessário, e ao meu irmão que sempre esteve comigo.

Agradeço ao meu padrasto Milton por estar sempre me incentivando e ajudando sempre que possível.

Agradeço a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço aos meus amigos e colegas que torceram por mim, nesta trajetória que percorremos juntos.

Agradeço a todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica ao decorrer do curso.

Enfim, agradeço a minha orientadora Juliane Riboli Corrêa, por ser uma pessoa maravilhosa, por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das orientações.

## RESUMO

### DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE EM UMA ESCOLA DE SANTA MARIA RS

AUTORA: Camila Aparecida Michels  
ORIENTADORA: Me. Juliane Riboli Corrêa

O presente estudo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vinculado ao curso de licenciatura em Pedagogia diurno da Universidade Federal de Santa Maria e tem como foco principal as dificuldades de aprendizagem e os desafios do trabalho docente em uma escola de Santa Maria RS e como objetivo geral, investigar as práticas docentes direcionadas a promover o desenvolvimento de alunos com dificuldades de aprendizagem em uma escola pública da rede municipal de Santa Maria RS. Para tal, trago por aporte metodológico a pesquisa qualitativa e como instrumento de produção de dados a pesquisa semiestruturada em que foram entrevistadas três professoras de escolas públicas. O referencial teórico foi baseado em autores, como Fonseca (1995), Bizzo (2009), Piaget (1996), dentre outros. Este trabalho, além da introdução, da metodologia e das considerações finais, está dividido em três capítulos temáticos. No primeiro, discuto sobre o conceito de aprendizagem e como ela é construída. No segundo, relato sobre as dificuldades de aprendizagem destacando três delas. No terceiro falo sobre as práticas docentes envolvendo as dificuldades de aprendizagem. Este trabalho é uma pequena, mas significativa tentativa de auxiliar a reflexão a respeito da exclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem do processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Dificuldades de aprendizagem. Práticas docentes. Escola.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 METODOLOGIA .....	9
3 O QUE É APRENDIZAGEM A PARTIR DA TEORIA DE APRENDIZAGEM DE PIAGET .....	12
4 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM .....	18
5 PRÁTICAS DOCENTES ENVOLVENDO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM ..	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS.....	30

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre o assunto “educação e dificuldade de aprendizagem”, sob o viés de refletir a respeito como os alunos que apresentam tais dificuldades são percebidos e trabalhados em uma escola pública. No entanto, peço licença aos leitores para relatar um pouco da trajetória que me conduziu ao interesse pelo tema anteriormente mencionado.

Sou brasileira, natural de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com raízes em uma família pequena, muito festeira e alegre. Minha vida acadêmica foi traçada e vivida em escolas públicas, onde originaram-se as preocupações com colegas que apresentavam dificuldades em aprender os conteúdos, fato este que sempre despertou em mim a curiosidade de entender o porquê dos mesmos possuírem estas dificuldades em seu processo de aprendizagem.

Um fato marcou-me mais em minha trajetória. Ao adentrar no primeiro ano do ensino médio, percebi que na turma ao lado da minha sala de aula havia um menino que se diferenciava dos demais alunos, e então, fui tentar saber mais sobre ele. Os professores relataram que havia sido diagnosticado com hiperatividade e por esta razão não conseguia se concentrar ou parar por muito tempo para conseguir aprender. Esse fato tocou-me profundamente pois percebia que estava excluído do sistema de ensino e também socialmente. Não raras vezes, pensava em articulações que pudessem ser realizadas para auxiliá-lo em sala de aula.

Ainda em meu percurso de vida, ouvia falar muito sobre as dificuldades de aprendizagem, tanto na comunidade como na escola. Ao entrar na Universidade Federal de Santa Maria, no curso de Pedagogia, tive algumas disciplinas que discorriam sobre este tema. Foi então, lembrando de meus colegas que tinham tanta dificuldade em aprender no Ensino Básico, unido ao que tais disciplinas ministravam, que despertou em mim de forma decisiva o desejo e a curiosidade de pesquisar mais sobre o assunto.

Além disso, nas inserções nas escolas que realizei durante a graduação, percebi o quão são desvalorizados ou ignorados os alunos com dificuldades de aprendizagem. Normalmente os pais e professores são os primeiros a perceber sinais de que algo não vai bem. Porém, nem sempre conseguem identificar as causas do problema das crianças.

Assim, percebi e percebo que há um grande sofrimento dos alunos, por perceberem suas dificuldades e a exclusão que delas resulta. Dos professores em geral, por não conseguirem perceber estes alunos como alvos de atendimentos individualizados e diferenciados, e quando os percebem, não se veem aptos a realizar tais atendimentos. Da família, pois precisa compreender este indivíduo e respeitá-lo em suas diferenças, mas sem entender, no entanto, que suas dificuldades são de ordens mais profundas.

Assim sendo, com base nesta trajetória, apresento como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como se caracterizam as práticas pedagógicas realizadas com alunos com dificuldades de aprendizagem em escolas públicas?

O objetivo do presente trabalho consiste em: Investigar as práticas docentes direcionadas a promover o desenvolvimento de alunos com dificuldades de aprendizagem em uma escola pública da rede municipal de Santa Maria RS.

Elejo como objetivos específicos da minha pesquisa: (a) Compreender as aproximações e os afastamentos entre as práticas pedagógicas realizadas e a aprendizagem de alunos com dificuldades; (b) Investigar a visão dos professores a respeito de alunos com dificuldades de aprendizagem; (c) Perceber as demandas de aprendizagem geradas pelas dificuldades de aprendizagem identificadas.

É de grande relevância a discussão e a implementação de práticas docentes direcionadas a este público da educação e espero, com este trabalho, trazer uma singela contribuição para a reflexão acerca do tema.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. Além desta introdução, no segundo capítulo será apresentada a metodologia com os procedimentos adotados para o alcance dos objetivos propostos. O capítulo seguinte abordará tópicos sobre aprendizagem. No quarto capítulo, tratar-se-á a respeito das dificuldades de aprendizagem, que envolve Discalculia, Dislexia e Disgrafia. Já no quinto capítulo, menciono algumas práticas docentes envolvendo dificuldade de aprendizagem. Por fim, no sexto capítulo apresento algumas considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como problemática central: Como se caracterizam as práticas pedagógicas realizadas com alunos com dificuldades de aprendizagem em uma escola pública? Esta problemática dilui-se nas seguintes questões de pesquisa: como se caracterizam as dificuldades de aprendizagem identificadas? Que percepções os professores possuem de alunos com dificuldades de aprendizagem? Que tipo de suporte profissional de outras áreas os professores possuem para o trabalho com alunos com dificuldades de aprendizagem? Que práticas pedagógicas são elaboradas e desenvolvidas visando a aprendizagem de alunos identificados com dificuldades de aprendizagem?

Para responder a estas questões e conseqüentemente à problemática do estudo, adotei a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais. [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Ou seja, a pesquisa qualitativa abre a possibilidade de emprego de inúmeras formas de se pesquisar e dos participantes de pesquisa estarem envolvidos nela. Com isso, a subjetividade e a pluralidade de sujeitos são valorizados como viés principal.

Dentre as várias possibilidades que a pesquisa qualitativa aponta, elejo a pesquisa de campo como base para pesquisar. A pesquisa de campo propõe buscar dados diretamente com pessoas que fazem parte da realidade pesquisada.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (GONSALVES, 2001, p. 67).

Escolhi como produção de dados a entrevista semiestruturada, que tem como característica a liberdade ao expressar as ideias sobre os questionamentos propostos. Demo (1995) define a entrevista semiestruturada como a atividade científica que permite ao pesquisador descobrir a realidade.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida com educadores que atuam em uma Escola Pública Estadual do Município de Santa Maria, RS. Foi elaborada e realizada uma entrevista, sendo que as perguntas que compunham tal ferramenta foram:

- 1- Conte um pouco sobre você?
- 2- O que você compreende sobre aprendizagem?
- 3- O que você compreende que seja dificuldade de aprendizagem?
- 4- Você consegue identificar quando um aluno tem alguma dificuldade?
- 5- Você considera que existem práticas dentro de sua sala de aula para alunos com dificuldades de aprendizagem?
- 6- Quais suportes existem para trabalhar com esses alunos?
- 7- O que você gostaria de acrescentar a respeito do tema dificuldade de aprendizagem?

Procurei trabalhar nesta entrevista de modo que proporcionasse total liberdade para que os professores respondessem e expressassem a partir do seu pressuposto o que lhe foi provocado nos questionamentos. Não solicitei seus nomes como forma de deixá-los (as) à vontade no momento de responder aos questionamentos.

A primeira pergunta que foi respondida pelas professoras foi: *Conte um pouco sobre você?*

*Educadora A- Sou professora alfabetizadora a 6 anos, tenho 29 anos de idade, me formei na UFSM; Trabalhei em escola particular e hoje na rede pública.*

*Educadora B- Sou professora dos anos iniciais na rede estadual, há 3 anos. Fui nomeada logo em seguida da formatura, mas desde os 19 anos, estou inserida na educação formal, especificamente na rede particular, na docência e na coordenação pedagógica.*

*Educadora C- Marcia Rocha, 27 anos, professora do 3º ano- Anos Iniciais. Sou formada em Pedagogia, licenciatura plena, e atuo como professora de anos iniciais a dois anos. Também já trabalhei com educação infantil.*

Outro ponto interessante e que também fez parte do desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa bibliográfica, a qual forneceu subsídios para uma detalhada compreensão acerca dos fatos que se buscava esclarecer com a pesquisa. A importância da pesquisa bibliográfica em trabalhos científicos pode ser confirmada por meio do texto que segue:

Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer à maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento do status quaestionis, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa. (RUIZ, 1992, p. 5).

Assim sendo, percebe-se que a união da pesquisa bibliográfica com as entrevistas realizadas, proporcionaram a cientificidade desta pesquisa, observando-se os embasamentos teóricos de cada um destes elementos.

### 3 O QUE É APRENDIZAGEM A PARTIR DA TEORIA DE APRENDIZAGEM DE PIAGET

Aprendizagem é um processo de conhecimento, presente desde que nascemos. Estamos sempre aprendendo, por onde passamos, com quem convivemos, as experiências trocadas, nos trazem possibilidades de aprendizagem. Conforme a concepção da Educadora A, participante da pesquisa, aprendizagem “é a *construção do conhecimento, o momento em que o aluno se apropria do saber.*”

O processo de aprendizagem envolve a assimilação e a acomodação. Na medida em que participamos ativamente dos acontecimentos, assimilamos mentalmente as informações sobre o ambiente físico e social e transformamos o conhecimento adquirido em formas de agir sobre o meio. O conhecimento assimilado para constituir a bagagem de experiências que nos permite enfrentar as novas situações, assimilar outras experiências e formular novas idéias e conceitos. As novas aprendizagens baseiam-se nas anteriores assim, a inteligência humana desenvolve-se: aprendizagens simples servem de base a outras aprendizagens mais complexas. (PIAGET, 1996, p.13).

Aprender é uma condição natural do ser humano que envolve uma série de aspectos cognitivos, sócio afetivos e psicomotores. Trazemos estas considerações visando argumentar sobre alguns pontos importantes da Teoria de Aprendizagem segundo Piaget (1996). De acordo com Piaget (1996), as crianças possuem um papel ativo na construção de seu conhecimento, de modo que o termo construtivismo ganha muito destaque em seu trabalho.

O desenvolvimento cognitivo, que é a base da aprendizagem, se dá por assimilação e pela acomodação. Na assimilação, a mente ainda não se modifica, apenas compreende. Se modificar, ocorre então a acomodação, levando a construção de novos esquemas de assimilação, resultando no processo de desenvolvimento cognitivo. Somente poderá ocorrer a aprendizagem quando o esquema de assimilação sofrer acomodação.

O que fazer, então, para provocar o processo de acomodação? Para modificar os esquemas de assimilação é necessário propor atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas nos indivíduos. De acordo com Piaget (1996), apenas a acomodação vai promover a descoberta e posteriormente a construção do conhecimento.

O conhecimento real e concreto é construído através de experiências. Aprender é uma interpretação pessoal do mundo, ou seja, é uma atividade individualizada, um processo ativo no qual o significado é desenvolvido com base em experiências.

Como ensina Piaget (1996), o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre em quatro fases: 1º SENSÓRIO-MOTOR (até os 2 anos); 2º PRÉ-OPERACIONAL (dos 3 aos 7 anos); 3º OPERATÓRIO CONCRETO (dos 8 aos 11 anos); e 4º OPERATÓRIO FORMAL (a partir dos 12 anos).<sup>1</sup>

O papel do professor é, então, criar situações compatíveis com o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno, em atividades que possam desafiá-lo, provocar o desequilíbrio na mente do aluno para que ele, buscando então o reequilíbrio, tenha a oportunidade de agir e interagir, propor atividades que possibilitem ao aluno a busca pessoal de informações, a proposição de soluções, o confronto com as de seus colegas, a defesa destas e a permanente discussão. Quando houver situações que gerem grande desequilíbrio mental, é preciso adotar passos intermediários para adequá-los às estruturas mentais da fase de desenvolvimento. O aluno, dessa forma, exerce um papel ativo e constrói seu conhecimento, sob orientação constante do professor.

A Educadora C, participante da pesquisa, menciona a respeito de sua concepção sobre aprendizagem: *“Aprendizagem é um processo contínuo de questionar, assimilar, transformar, consolidar, fortalecer, dialogar, construir, promover a teoria-prática, em vista da construção de pessoas cidadãs, comprometidas com um mundo melhor”*.

Para que o processo de aprendizagem seja significativo, é imprescindível que compreendamos a forma de ser, pensar e aprender de cada criança, pois cada um tem um jeito de aprender diferente e as dificuldades de aprendizagem existem por razões diversas.

Levar em consideração o cotidiano da criança e ultrapassar este cotidiano com brincadeiras e atividades lúdicas é fundamental para se compreender as dificuldades de aprendizagem e encontrar formas de superá-las. Aprendizagem a partir daquilo que o aluno já sabe propulsiona-o a saber mais, conhecendo melhor o assunto e aprendendo mais sobre o mesmo.

---

<sup>1</sup> No decorrer do trabalho serão explicados.

Ou seja, dentro da sala de aula o professor precisa ver o que as crianças já têm de conhecimento e aprimorar mais o que já sabem para que possa ser uma aprendizagem produtiva. Neste sentido, a Educadora B relata: *“Aprendizagem é o processo de construção do conhecimento, baseado no diálogo, na troca da experiência, no que o aluno já possui, buscando sempre o desenvolvimento integral”*.

Aprender resulta na interação entre bases mentais e o meio ambiente. Conforme a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é cúmplice do processo de aprendizagem dos alunos. Na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Neste sentido, faz-se necessário a observância da realidade e do cotidiano das crianças nos currículos, onde constam os conteúdos programáticos a serem administrados às crianças. Oliveira (2003, p. 68-69), em seu texto sobre currículo, afirma que:

O cotidiano [...] aparece como espaço privilegiado de produção curricular, para além do previsto nas propostas oficiais. Especificamente no que diz respeito aos processos de ensino aprendizagem, as formas criativas e particulares através das quais professoras e professores buscam o aprendizado de seus alunos avançam muito além daquilo que poderíamos captar ou compreender pela via dos textos que definem e explicam as propostas em curso. Cada forma nova de ensinar, cada conteúdo trabalhado, cada experiência particular só pode ser entendida junto ao conjunto de vida dos sujeitos em interação, sua formação e a realidade local específica, com experiências e saberes anteriores de todos, entre outros elementos da vida cotidiana. (OLIVEIRA, 2003, p. 68-69).

Como mencionado nesta citação, o modo criativo em que a criança aprende é essencial, pois é de formas criativas e estimulantes que esta vai conseguir ter uma aprendizagem mais construtiva e rica. O currículo constitui o elemento nuclear do processo pedagógico, pois é ele quem viabiliza e oficializa o processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, como forma de organização do currículo, a primeira apreensão que se pode fazer da teoria piagetiana é a organização do conteúdo de acordo com a faixa etária do aluno, colocando os conteúdos mais abstratos depois dos mais concretos, facilitando o desenvolvimento cognitivo e evidenciando a importância da maturidade genética.

Também pode-se observar na maioria dos currículos formais brasileiros o aproveitamento das experiências dos alunos como forma de construção do conhecimento. Porém, podem-se observar desvios epistemológicos na formação do

currículo segundo a teoria piagetiana como, por exemplo, a falta de situações que provoquem o desequilíbrio no indivíduo, incitando-o a se equilibrar e alcançar o conhecimento. Além disso, pode-se observar vários professores tentando “impor” suas interpretações de determinados conhecimentos ao invés de permitir que o aluno construa essas interpretações.

Para além da discussão a respeito de currículo, Piaget destaca com clareza as influências e determinações da interação social no desenvolvimento da inteligência, afirmando que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas” (PIAGET, 1967 apud LA TAILLE, 1992, p. 11).

Segundo Piaget (ibidem, p. 14), “o ser social” de mais alto nível, é justamente aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada; isso significa afirmar que, a cada estágio de desenvolvimento do sujeito, definido por Piaget, compreende-se uma maneira de ser social.

A respeito dos períodos do desenvolvimento citados anteriormente, Piaget (1996) explica: No estágio sensório-motor, o período do bebê, é bastante complexo, pois nele ocorre a organização do seu desenvolvimento nos aspectos perceptivo, motor, intelectual, afetivo e social. Começará, portanto, com uns poucos reflexos que irão aos poucos se transformando em esquemas sensório-motores. Notamos a princípio a passagem de um momento inicial, centrado na ação própria da criança, a posterior estruturação do mundo objetivo e descentrado, ao passo que, na afetividade instaura-se o estado de não-diferenciação entre o *eu* e os construtos físicos e humanos, para na etapa seguinte imprimir trocas entre o *eu* diferenciado e o alheio.

Piaget, em parceria com Inhelder, no livro “A psicologia da criança”, recorre a J. M. Baldwin, ao complementar o momento referido sobre a conceituação de “adualismo inicial”, termo já atribuído por Baldwin para explicar a não-consciência do *eu*, ou seja, a verticalidade no conjunto das relações exteriores como se fosse extensão do mundo particular. De fato, são as primeiras relações, as trocas interindividuais que a criança estabelece afetivamente que a permite distinguir as particularidades do mundo objetivo e subjetivo, substanciadas por uma série de influências do meio circundante, que correspondem às atividades espontâneas da criança, num estágio de satisfação de suas necessidades. Spitz e Wolf, autores referenciados por Piaget e Inhelder, exprimem que na análise dos afetos observáveis, nessa etapa do desenvolvimento psicossocial, há muito mais de trocas afetivas,

contágios, do que verdadeiramente reconhecimento ou diferenciação das pessoas e das coisas. (PIAGET; INHELDER, 1990).

O período pré-operatório é a fase na qual surge, na criança, a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação. Esta substituição é possível, conforme Piaget (1996), graças à função simbólica.

No nível das operações formais, a criança, ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, já consegue raciocinar sobre hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal, haja vista esta conseguir estabelecer, com coerência e equilíbrio, trocas intelectuais.

No estágio das operações concretas, o egocentrismo intelectual e social (incapacidade de se colocar no ponto de vista de outros) que caracteriza a fase anterior dá lugar à emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e coerente, as reais trocas intelectuais começam a ser permanentes e a reciprocidade nas relações constituídas, dando início à consolidação da personalidade. Desta maneira, não o *eu* enquanto diferente dos outros *eus* e refratário à socialização, mas é o indivíduo se submetendo voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal, longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização. Com efeito, é na medida em que o *eu* renuncia a si mesmo para inserir seu ponto de vista próprio entre os outros e se curva, assim, às regras da reciprocidade, que o indivíduo torna-se personalidade.

(...) a personalidade consiste em tomar consciência desta relatividade da perspectiva individual e a colocá-la em relação com o conjunto das outras perspectivas possíveis: a personalidade é, pois uma coordenação da individualidade com o universal. (PIAGET, 1967, p. 245 apud LA TAILLE, 1992, p. 17).

Nota-se agora, a configuração do processo de socialização nas ações interindividuais, enquanto que no nível pré-operatório encontrávamos ainda a condição pré-cooperativa, devido à presença marcante do egocentrismo infantil, ou seja, a dificuldade em falar e agir partindo do ponto de vista dos interlocutores, em descentrar-se. Vejo, então, por intermédio do exercício constante da criança, o alcance ao nível das operações concretas, constituidoras de novas relações

interindividuais, de natureza cooperativa e, nesse limite, a promoção de trocas afetivas e cognitivas equilibradas, como aspectos indissociáveis da conduta humana. Segundo Piaget e Inhelder (1990, p. 109),

À vista disso, o último estágio, corresponde à adolescência, ocasião onde a estruturação do pensamento formal conduz, a partir do concreto, à projeção de planos futuros. As novidades afetivas do tipo, o interesse por teorias, mudança social, a solidificação de novos valores, ou seja, a inserção propriamente dita do adolescente no bojo dos ideais sociais foi por muito tempo encarado como dispositivos inatos do sujeito, negligenciando o inestimável papel das interações sociais, responsáveis primeiras pelo desenvolvimento global do ser humano.

Analisando em um todo, notamos, dentre outros motivos, a importância das relações sociais na construção da noção do *eu* e do outro, num processo concomitante de diferenciação e socialização.

Partindo deste princípio, torna-se indispensável darmos ênfase à evolução do aspecto cognitivo do sujeito, compreendido por meio de uma sequência de estruturas que se formam através das experiências vivenciadas, superando os obstáculos reais e convergindo a partir destas novas estruturas à consolidação ulterior. Da mesma maneira, não poderia deixar de ser o desenvolvimento sócio-afetivo ao evoluir atendendo a mudanças qualitativas e graduais semelhantes no cognitivo. Os desenvolvimentos cognitivos, afetivos e sociais encontram-se tão imbricados um ao outro, a ponto da simples mudança circunstancial em um dos aspectos ocasionar a transformação nos demais, positiva ou negativamente, dependendo dos seus elementos constituidores. Enfim, considerando que “esses aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”. (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 24).

A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Portanto, a construção da aprendizagem está completamente vinculada às interações sociais e à afetividade que norteia o processo de desenvolvimento humano.

## 4 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Para algumas pessoas, os anos escolares estão naturalmente estabelecidos em um desenvolvimento contínuo e crescente de suas habilidades acadêmicas e seu desempenho leva a esse trajeto. Aprender da maneira como a escola ensina é natural, mas não é para todos da mesma forma.

Quando se pensa em dificuldade de aprendizagem, no senso comum, imediatamente vem à mente indivíduos com deficiências, comportamentos diferenciados, pessoas problemáticas, com histórico familiar complicado, dentre outras concepções equivocadas. Certamente, diversas poderão ser as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem. Por exemplo, causas orgânicas, neurológicas, familiares, psicológicas, pedagógicas etc. Ocorre que, muitas vezes, essas dificuldades são silenciosas e não são identificadas. Na Educação Infantil, os alunos com dificuldades não são detectados em razão de que sua aprendizagem prática, lúdica, é alcançada sem grandes problemas. Nos Anos Iniciais é que se começa a perceber que o aprendizado das letras, dos números, da união silábica, para alguns, representa um grande desafio. No entanto, entre esta constatação e uma ação docente para sanar tais dificuldades, há uma longa distância.

Mas como pode-se conceituar dificuldades de aprendizagem?

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. (GRIGORENKO; STERNEMBERG, 2003, p. 29).

Quando a criança inicia seu período escolar, ou seja, seus primeiros passos no mundo da leitura e escrita, é possível perceber um desenvolvimento diversificado por parte de cada criança. Isso acontece porque de início as crianças tendem a compreender a escrita como imagens e não como códigos que representam a fala.

As dificuldades de aprendizagem consistem essencialmente de aspectos secundários, que são alterações estruturais, mentais, emocionais ou neurológicas, que interferem na construção e desenvolvimento das funções cognitivas. Fonseca (1995, p. 54), afirma que:

As dificuldades de aprendizagem aumentam na presença de escolas superlotadas e mal equipadas, além de contarem com muitos

professores “desmotivados”. A escola não pode continuar a ser uma fábrica de insucesso.

Portanto, segundo o autor, as escolas, da maneira como se encontram hoje, colaboram para que aumentem as dificuldades de aprendizagem. Salas superlotadas, escolas sem estruturas, falta de recursos, professores desvalorizados, entre outros, são marcos que contribuem para o insucesso da criança na escola. A criança precisa de um ambiente motivador, alegre, de atenção e cuidados, de materiais que lhe permitam o lúdico para aprender. Ou seja, é necessário um novo olhar sobre a escola, uma preocupação maior com a qualificação e reconhecimento do profissional encarregado desta função alfabetizadora. Entretanto, tropeça-se em problemas práticos, escolas com estruturas físicas comprometidas, professores desmotivados por não considerarem a sua remuneração compatível com seu grau de estudos, pais que colocam toda a responsabilidade da educação de seus filhos no professor e na escola.

As educadoras da escola em que fiz a pesquisa, compreendem a Dificuldade de Aprendizagem da seguinte maneira:

*Educadora A- Quando algum aluno não compreende o conteúdo trabalhado, mesmo com atenção e auxílio específico e a utilização de materiais diversos, apresenta dificuldade de aprendizagem. Essa dificuldade pode estar ligada a diversos fatores, os quais com atendimento especializado poderão ser melhor trabalhados.*

*Educadora B- Dificuldade de aprendizagem é toda limitação que impede o aprender, ocasionada por comprometimento físico, intelectual de concentração.*

*Educadora C- Dificuldades de aprendizagem são obstáculos variados que a criança pode enfrentar para se apropriar de um conhecimento.*

Estas dificuldades de aprendizagem persistentes manifestam-se muito cedo na vida e, muitas vezes, resultam em muito sofrimento para o sujeito e sua família.

Na maioria das vezes são classificados em alguns tipos, conforme a área da aprendizagem mais afetada: transtorno de leitura, transtorno de expressão escrita, transtorno de habilidades matemáticas, transtorno não verbal e transtorno de linguagem, entre outros.

A primeira coisa a se fazer é identificar as dificuldades e providenciar uma avaliação interdisciplinar da aprendizagem. A partir da avaliação e do diagnóstico, constrói-se um percurso de intervenções e orientações para aquela determinada criança.

Nas entrevistas realizadas, fiz a seguinte pergunta: Você consegue identificar quando um aluno tem alguma dificuldade? As respostas obtidas foram as que se seguem:

Educadora A: *Sim, pois normalmente o aluno mostra de forma bem clara em diversas situações e dificuldades.*

Educadora B: *Normalmente sim. Constato na sala de aula, nas atividades e nas avaliações (provas).*

Educadora C: *Sim.*

A educação de alunos com dificuldades de aprendizagem, em especial a dislexia e a discalculia, tem trazido desafios aos métodos pedagógicos e propostas curriculares vigentes em nosso país. As dificuldades no aprendizado podem ser naturais de defeitos no método de ensino e no ambiente escolar. Também podem pesar fatores pertinentes à vida familiar e a condições psicológicas da criança ou ainda problemas neurológicos. Muitas vezes não há diagnóstico. Apenas observa-se a grande dificuldade em aprender, mas sem saber o porquê. Gostaria de salientar que existem inúmeras razões para dificuldades de aprendizagem, no entanto, deter-me-ei a discutir sobre as dificuldades mais encontradas e por razões neurológicas, que são chamadas também de transtornos de aprendizagem. Refiro-me a discalculia, disgrafia e dislexia.

Segundo o LND- Laboratório De Neuropsicologia do Desenvolvimento, a **Dislexia** é uma dificuldade de aprendizagem e tem origem neurobiológica e caráter constante. Caracteriza-se pela dificuldade com a fluência correta na leitura e pela dificuldade na aptidão de decodificação e ortografia. O disléxico possui uma dificuldade maior na área verbal (ex. linguagem escrita e oral) do que na não verbal (ex. linguagem simbólica). Além desses déficits já citados, a criança apresenta dificuldades na memória de trabalho (ex. compreender uma frase, pois é necessário lembrar das palavras que acabou de ler para que no fim a frase faça sentido).

A criança disléxica não pode ser alfabetizada pelo método global, uma vez que não consegue perceber o todo. Necessita de um trabalho fonético e repetitivo, pois apresentará muita dificuldade na fixação dos fonemas. Precisa de um plano de leitura que comece por livros muito simples, mas motivadores, aumentando gradualmente e somente à medida que lhe for possível, a complexidade. (STRICK, C.; SMITH, L., 2001, p. 38).

A **Discalculia** é uma dificuldade de aprendizagem, tem origem neurobiológica e caráter permanente. Caracteriza-se pela dificuldade para o entendimento e acesso rápido a conceitos e fatos numéricos básicos, é a dificuldade de uma pessoa compreender e manusear números e símbolos matemáticos. Além do mais, discalcúlicos podem mostrar dificuldades em nomear termos e símbolos da matemática, em mover valores e objetos reais e matemáticos, na significação de símbolos numéricos, na escrita de números, na compreensão e execução de conceitos matemáticos e operações mentais. Esta dificuldade está conexas em tudo que for matemático, tudo em que envolver números, símbolos, raciocínio lógico, pois a criança não consegue fazer a semelhança com números.

Para que o professor consiga detectar a discalculia em seu aluno é indispensável que ele esteja atento à trajetória da aprendizagem desse aluno, principalmente quando ele apresentar símbolos matemáticos malformados, evidenciar insuficiência de operar com quantidades numéricas, não reconhecer os sinais das operações, apresentar dificuldades na leitura de números e não conseguir encontrar espacialmente a multiplicação e a divisão. (STRICK, C.; SMITH, L., 2001, p. 46).

A **Disgrafia** é uma dificuldade de aprendizagem ligada ao esquecimento da grafia da letra, a criança não consegue lembrar a grafia das letras. Quando tentam recordar, escrevem pausadamente, assim fazendo com que tudo fique acumulado em uma única palavra e, com isso, tornando a letra ilegível. Os alunos com disgrafia apresentam dificuldades de copiar do quadro para o caderno, excluem ou acrescentam letras, escrevem rápido demais ou muito pausadamente, ou seja, os traços e as letras se confundem. A disgrafia não está ligada a nenhum tipo de comprometimento intelectual. (STRICK, C.; SMITH, L., p. 54).

## 5 PRÁTICAS DOCENTES ENVOLVENDO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Práticas docentes envolvendo dificuldade de aprendizagem configura-se num tema de grande complexidade, principalmente para aqueles que vivenciam em sua prática de sala de aula momentos de dúvidas e incertezas na abordagem de alunos com dificuldades de aprendizagem.

Os docentes estão sempre buscando outros caminhos, melhor entendimento, sugestões de abordagens, indicações e reflexões sobre esse tema. Se trouxer agora o poder e a influência do educador no desenvolvimento acadêmico, na aprendizagem e na autoestima do aluno, percebemos que diante da nova realidade conhecida da atual sociedade os educadores precisam garantir os direitos dos indivíduos com dificuldades de aprendizagem sem preconceitos ou discriminação. De acordo com Paviani (1986, p. 14),

A época em que vivemos e as mudanças da sociedade brasileira precisam de uma visão mais abrangente e completa dos problemas e das alternativas de solução que a educação escolar exige. A visão interdisciplinar pode oferecer opções mais adequadas e eficazes.

Certamente, a interdisciplinaridade é uma das formas que os educadores encontram para aperfeiçoar sua prática docente, possibilitando aos seus educandos um trabalho diferenciado, com melhores chances de ser desenvolvido com êxito, de cativar a atenção e o interesse dos educandos.

Devemos considerar a pluralidade de saberes e valores das crianças, de entender-se no mundo aceitando suas dificuldades, seu ritmo, sua identidade, construindo no dia a dia em sala de aula seu conhecimento com compreensão, esforço e dedicação.

Entendamos também sobre a afinidade professor aluno, sobre fatores ambientais e pedagógicos que podem dificultar a adaptação acadêmica, refletindo não só na aprendizagem deste aluno, mas na vida social, familiar e profissional do mesmo. Uma reflexão é necessária sobre esses efeitos e também alertar sobre a necessidade de encaminhamento para um diagnóstico e tratamento para os casos mais graves de dificuldades de aprendizagem.

A escola, tornou-se uma atividade obrigatória, e, desde então, a escolaridade passou a ter um papel fundamental para a ascensão social. A partir desse período, as

dificuldades escolares e os seus fracassos passaram a ser considerados como um problema importante ou até mesmo uma doença.

Trataremos sobre a relação professor aluno, sobre fatores emocionais desta relação e fatores ambientais/ pedagógicos, como planejamentos, planos de estudo que podem dificultar a adaptação acadêmica, repercutindo não só na aprendizagem, mas na vida social, familiar e profissional do aluno.

É essencial nesse momento o papel do docente, pois ao acreditar nas possibilidades do aluno valorizando o que ele é capaz de fazer, pode entusiasamá-lo para realizar tentativas, entendendo seu desempenho como o melhor que pode obter naquele momento, ampliando possibilidades.

A dificuldade de aprendizagem não deveria ser entendida como algo oposto à aprendizagem. Porque o erro faz parte do processo, ele deveria ser encarado como algo construtivo no processo de aprendizagem. O papel do docente passa a ser fundamental, pois a forma como vislumbra a dificuldade de seu aluno pode ser facilitadora ou dificultadora do seu método de aprender.

Contudo, não podemos negar a existência de dificuldades advindas de obstáculo de caráter orgânico, afetivo, social ou funcional, porém, devemos alertar para o fato de que tais dificuldades fazem parte do processo de aprendizagem de uma determinada pessoa e o professor como mediador deve atentar para o fato com um olhar especial sobre o aluno.

Trabalhando com os problemas em sala de aula é preciso entendê-los de forma processual, e não como algo que precisa ser eliminado ou aceito de forma passiva sem nada fazer, como se fosse necessário “desistir” daquele aluno porque “ele tem problema, não posso fazer nada mesmo”. Por isso a importância do papel docente na percepção do aluno, no acompanhamento do mesmo em sala de aula e na busca constante de aprender e melhorar a si mesmo em sua prática, ciente enquanto cidadão responsável por formar outros cidadãos, melhores pessoas e profissionais.

Alguns educadores são totalmente contra a utilização de recursos didáticos, por entenderem que enquanto houver o uso exclusivo do livro didático a educação terá dificuldades para avançar, ou seja, o ensino continuará na base da transmissão-memorização-reprodução. É preciso destacar que o problema pode, na realidade, não estar no uso do livro didático, mas na forma como este recurso didático de trabalho é utilizado pelos professores no cotidiano das escolas de educação básica. Na verdade,

[...] os materiais de apoio ao trabalho na sala de aula são muito necessários, e cabe ao professor selecionar o melhor material disponível diante da sua própria realidade. Sua utilização deve ser feita de maneira que possa constituir um apoio efetivo, oferecendo informações corretas, apresentadas de forma adequada à realidade de seus alunos. (BIZZO, 2009, p. 83-84).

Muitos dos docentes solicitam livros ou exercícios que tragam soluções mágicas para as dificuldades como dislexia (dificuldade de leitura), disgrafia (dificuldade na escrita), discalculia (dificuldade de cálculo), entre outras (José, 1997). Este é o principal resquício, segundo Barbosa (2006), de que ainda convivemos com uma forte concepção clínica/organicista das dificuldades de aprendizagem.

É fato consumado que o aprendiz é uma estrutura. No entanto, esta estrutura não é um simples instrumento desconectado do mundo. Ele tem interferência do meio no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Por modelo, se a estimulação verbal for muito intensa, uma criança de três anos pode ter um repertório verbal muito maior do que a média das crianças de sua idade. Por isso o papel do professor é o de facilitar o processo. Estímulo nas aulas, a busca de materiais e recursos diferenciados para melhorar a atenção nas aulas é muito importante. Na maioria das vezes uma criança que resolve problemas com facilidade receberá tratamento favorável na escola. Um estudante relapso experimentará hostilidade e frustração. Neste sentido, percebemos como o meio é importante no desenvolvimento e na aprendizagem.

Evidentemente, os educadores servem de exemplo para os educandos, daí a necessidade de terem conduta ética diante das várias e difíceis situações que se apresentam no decorrer da trajetória docente, pois, “Sua ação como educador expressa uma escolha que influencia o comportamento do estudante”. (PAVIANI, 1986, p. 105). Ou seja, o comportamento dos professores pode ter influência positiva ou negativa para o processo formativo dos alunos.

Neste sentido, a partir da entrevista apresentada na metodologia deste trabalho, realizaram-se algumas perguntas aos entrevistados, sendo que a primeira consistiu no seguinte questionamento: Você considera que existem práticas dentro de sua sala de aula para os alunos com dificuldades de aprendizagem?

Educadora A: *Sim, são realizadas atividades diferenciadas com os alunos com dificuldade. Trabalho em grupo e atenção específica individual por mais tempo, quando possível.*

Educadora B: *Eu procuro diversificar a metodologia e, na medida do possível, trago atividades adaptadas para os que não estão alfabetizados e que são público do AEE.*

Educadora C: *Claro que sim.*

O docente precisa saber o que os alunos já conhecem sobre o tema a ser trabalhado, para adequar a informação ou a exigência, trazendo-as para um nível compatível à competência dos mesmos, com o objetivo de lhes proporcionar condições de acompanhar, hipotetizar, estudar, comparar, criar, concluir e crescer com aquele conhecimento, somando-o ou transformando-o.

Entretanto, quando algum aluno se distancia muito do tema, tendo como parâmetro seus colegas, far-se-á necessário a adaptação do método de ensino àquelas dificuldades, no intuito de solucioná-las para que o aluno continue aprendendo, sem ser excluído do processo. Um obstáculo ligado ao conhecimento exige do professor a capacidade de trabalhar com diferentes níveis de compreensão, com dinâmicas capazes de acolher conclusões com distintos graus de complexidade, sem gerar no grupo de aprendizes sentimentos como superioridade e inferioridade.

Os estudos em sala de aula necessitam se voltar à implementação de plano de ensino que se adeque às necessidades dos alunos que possuam dificuldades particulares, ora sendo realizados individualmente, ora com a turma toda, sempre dirigidos pelo docente.

Táticas de aprendizagem embasadas na ideia de ajuda mútua entre colegas: uma intervenção alternativa e de baixo custo no plano da sala de aula foi desenvolvida com base na aprendizagem cooperativa. A aprendizagem cooperativa refere-se a um conjunto de práticas envolvendo instrução em grupos pequenos e alunos trabalhando juntos em atividades de aprendizagem.

Essas atividades surgem de múltiplos modelos revisados, integrando princípios cognitivos, comportamentais e construtivistas. Como um conjunto de práticas, a aprendizagem cooperativa tem uma grande base científica, que proporciona um forte amparo para o seu uso no nível da sala de aula. Isso ocorre em parte porque essas práticas facilitam o manejo em sala de aula e diferenciam a instrução por seu foco em grupos menores.

É imprescindível que se tenha recursos nas escolas para o trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, o docente terá maneiras e

suportes para trabalhar de diferentes formas com estes alunos em suas práticas. Uma das perguntas da entrevista que foi aplicada aos professores trazia o seguinte questionamento: *Quais suportes existem para trabalhar com esses alunos?*

Educadora A - *A escola possui atendimento especializado e sala de recursos para atendimento aos alunos com necessidades. Não é possível atender todos os alunos com dificuldades de aprendizagem neste espaço, mas podemos contar com o auxílio dos profissionais e dos materiais que possuem.*

Educadora B - *Eu procuro ler e pesquisar sobre as especialidades de cada dificuldade. Tenho possibilidade de ajuda da Educadora Especial.*

Educadora C - *Atividades diferenciadas, mais incentivo, e se necessária cobrança diferenciada também.*

Entendemos então que cada professor tem uma forma e suportes diferentes de trabalhar com estes alunos. Percebe-se que a educadora B procura ter conhecimento sobre cada dificuldade para ter uma forma adequada de trabalhar com o aluno.

Por fim, fiz uma última pergunta às educadoras. *O que você gostaria de acrescentar a respeito do tema dificuldades de aprendizagem?*

Educadora A - *Seria muito importante e de grande contribuição para o desenvolvimento dos alunos com dificuldades se fosse ofertado um trabalho de “reforço”, auxílio, no turno inverso ao de aula.*

Educadora B - *Na graduação tive uma boa base, mas é fundamental o contínuo estudo e a formação continuada.*

Educadora C - *Que toda escola deveria ter “reforço” no turno inverso. Já que temos alunos com pais analfabetos e sem nenhuma ajuda para realizar as tarefas. Isso DIMINUIRIA os casos de dificuldades.*

Desta forma, saber reconhecer, observar e auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem, é um exercício de vínculo, de um olhar preocupado e individualizado com os alunos. Ouvir, conhecer seus alunos e compreender suas eficiências e dificuldades, é uma questão de formação e de humanização. Trabalhar de maneira preocupada com o desenvolvimento de cada aluno, conforme seu ritmo e processo, é respeitar a todos em suas diferenças. O meu grande desejo é que

professores, alunos e família se unam na luta pela inclusão real destes alunos que sofrem diariamente com preconceitos das mais diversas ordens e razão de suas dificuldades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, após este breve estudo sobre dificuldades de aprendizagem e os desafios do trabalho docente em uma escola de Santa Maria no RS, considerando que todos os alunos diferem entre si, em uma grande variedade de aspectos – motivações, habilidades cognitivas, inteligência, capacidades, interesses, ritmo de desenvolvimento, estilo de aprendizagem, expectativas, autoconceito, etc., e como essas diferenças intervêm e incidem de forma distinta na aprendizagem de cada um dos alunos em particular, nosso objetivo, nesse trabalho, foi contribuir com os professores e profissionais da educação que desejam auxiliar os alunos para que estes superem suas dificuldades de aprendizagem.

Percebo que há uma grande preocupação por parte dos docentes em detectar dificuldades de aprendizagem diversas e mais especificamente as abordadas neste estudo (discalculia, disgrafia e dislexia), mas evidencia-se a falta de envolvimento com as diferenças destes alunos, o que nos leva a crer que as práticas docentes para auxiliá-los são, ainda, muito escassas.

Para melhor compreender o aluno em seu contexto escolar é indispensável entender como o mesmo aprende, tendo em mente que este processo pode ser complicado e que a aprendizagem dos alunos não depende apenas deles, visto que no processo estão envolvidas outras variáveis, como por exemplo: professor, aluno, metodologias, estratégias e recursos adequados para favorecer o desenvolvimento dos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Assim, espera-se que o professor, quando se deparar com as dificuldades de aprendizagem, informe-se e oriente-se com profissionais da educação sobre as particularidades e instrumentos apropriados para que todo aluno encontre na escola um ambiente adequado, sem discriminações e que lhe proporcione o melhor aprendizado possível.

Por vezes, no decorrer do ensino, nos deparamos com problemas que estagnam os alunos diante do processo de aprendizagem, os quais podem ser classificados como a própria família, professores e colegas. É importante que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos a essas dificuldades, observando se as mesmas são momentâneas ou se persistem por períodos consideráveis de tempo, com capacidade de influenciar na aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem podem advir de vários fatores: orgânicos, familiares ou mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas à preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendiz.

Professores podem ser os mais importantes agentes no processo de identificação e descoberta desses problemas, porém, não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos, psicólogos e psicopedagogos.

Por fim conclui-se que professores e familiares precisam buscar recursos e práticas a fim de incluir crianças com dificuldades de aprendizagem de forma efetiva. A inclusão não pode restringir-se ao público alvo da Educação Especial. Incluir a todos em suas diferenças e igualdades, buscando resgatar a aprendizagem e a alegria de estar na escola de todos os alunos ao perceberem-se respeitados em suas diversidades.

## REFERÊNCIAS

- BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil?** São Paulo: Biruta, 2009.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GRIGORENKO, E. L.; STERNBERG, R. J. **Crianças Rotuladas - O que é** Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- JOSÉ, E. A. **Problemas de Aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1997.
- PAVIANI, J. **Problemas de Filosofia da Educação.** 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.
- PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento.** 2. ed. Vozes: Petrópolis, 1996.
- RUIZ, J. Á. **Metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- STRICK, C.; SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: ARTMED, 2001. Disponível em <<https://lndufmg.wordpress.com/2014/10/14/transtornos-especificos-da-aprendizagem-dislexia-e-discalculia/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.